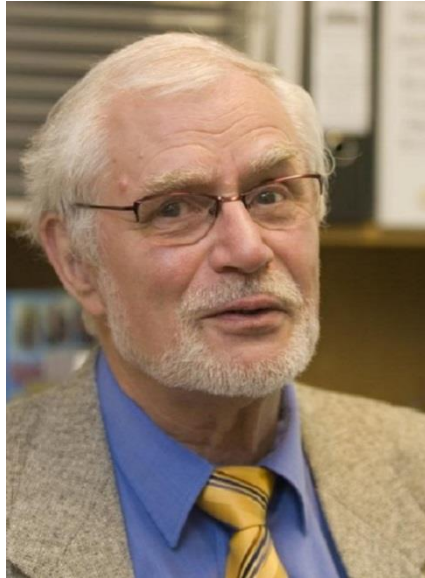


PERFIL JÖRN RÜSEN

Por *Rodrigo Yuri Gomes Teixeira*[1]



Jörn Rüsen (1938 –) é um proeminente historiador e filósofo alemão, cujas reflexões sobre a historiografia e o ensino de história já são bem conhecidas do público brasileiro. O marco inicial de tais reflexões pode ser fixado em 1969, ano em que Rüsen publica a versão revista de sua tese de doutorado (defendida em 1966) sobre Johann Gustav Droysen, inaugurando, assim, uma profícua trajetória editorial. Iniciou sua carreira de professor na Universidade de Bochum no início da década de 1970. Ao longo da década de 1980, publicou a trilogia intitulada *Grundzüge einer Historik* (Fundamentos de uma teoria da história), que constitui o elemento principal do corpo de suas publicações na área de teoria da história. Os livros foram publicados no Brasil pela editora da Universidade de Brasília, com tradução de Estevão Martins, e seus títulos são, respectivamente: *História Viva*, *Reconstrução do Passado* e *Razão Histórica*. A partir de 1989, lecionou na Universidade de Bielefeld, uma instituição importante na história da historiografia alemã do século XX. Em 1997 passou a integrar o quadro de professores da Universidade de Witten, da qual se aposentou em 2009. Além de uma vasta lista de publicações e de uma sólida carreira enquanto professor universitário, Rüsen fez parte de dois importantes grupos responsáveis por integrar intelectuais de diversas áreas na produção de conhecimento das ciências humanas: o Centro de Pesquisas Interdisciplinares (ZIF) e o Instituto de Altos Estudos em Ciências Humanas (KWI). A partir desses grupos, Rüsen coordenou e participou de equipes de estudos interdisciplinares. Atualmente, o trabalho de Rüsen é internacionalmente reconhecido, principalmente na

Alemanha e nos países de língua inglesa. No Brasil, Rüsen recebe cada vez mais atenção do público especializado, seja por seu trabalho em teoria da história, seja por suas contribuições à didática da história.

Os contornos da obra de Rüsen

No cenário brasileiro atual de teoria da história e historiografia, o nome de Jörn Rüsen pode ser reputado como incontornável. Começamos a falar do cenário brasileiro unicamente pelo fato de que é a partir dessa perspectiva que abordamos o trabalho de Rüsen. Entretanto, não é supérfluo lembrar que seu nome evoca reconhecimento tanto de seus conterrâneos alemães, quanto dos filósofos da história de expressão anglófona, que compõem uma parcela substancial da produção teórica internacional. Na verdade, o alcance do trabalho de Rüsen é sintomático da abrangência de sua proposta e da qualidade de sua execução. O que se segue é uma tentativa de situar essa proposta em dois níveis que se comunicam: a biografia intelectual de Rüsen e o contexto histórico e historiográfico que lhe serve de palco.

Jörn Rüsen nasceu na cidade alemã de Duisburg, em 19 de outubro de 1938. Lecionou nas universidades de Bochum, Bielefeld e Witten, da qual se aposentou em 2009. Rüsen também esteve à frente de dois importantes centros de desenvolvimento de pesquisa: o Centro de Pesquisas Interdisciplinares (ZIF) e o Instituto de Altos Estudos em Ciências Humanas (KWI). Sua atuação nessas entidades aponta para o interesse em desenvolver seu trabalho, assumindo uma perspectiva genuinamente interdisciplinar. Em entrevista concedida a Luiz Sérgio Duarte da Silva, quando perguntado sobre seu trabalho no Centro de Pesquisas Interdisciplinares, Rüsen afirmou que “tratava-se de encontrar um foco temático para tornar interessantes e inovadoras as constelações de disciplinas” (SILVA, 2010:179).

De fato, a obra de Rüsen supera, em vários momentos, o âmbito da ciência da história e tangencia outras áreas de conhecimento, como a filosofia, a antropologia e a pedagogia. Rüsen não restringe seus interesses à fundamentação do conhecimento histórico científico, envolvendo-se também em investigações que ambicionam compreender o pensamento histórico tal como articulado em diversos outros contextos culturais, além de promover uma comunicação entre esses diferentes contextos. Essa proposta é resumida no subtítulo de uma obra editada por Rüsen, em 1999: seu esforço é de inserir o pensamento histórico ocidental em um “debate intercultural” (RÜSEN: 2002).

O lugar de Rüsen na história da historiografia alemã

Para melhor situar Rüsen na história da historiografia alemã, convém destacar sua atuação na Universidade de Bielefeld, um importante polo de renovação dos estudos históricos na metade do século XX. Alan Megill, em um ensaio que pretende explorar a Historik, a teoria da história, de Rüsen, sugere que seu trabalho viria na esteira da chamada “Escola de Bielefeld”, um grupo de historiadores formados na década de 1970 que pretendia superar o modelo clássico de conhecimento histórico que resistia desde o século XIX na Alemanha (MEGILL, 1994:44-5). Nomes importantes foram vinculados à historiografia produzida em Bielefeld, como é o caso de Jürgen Kocka e Hans-Ulrich Wehler. Mesmo que Rüsen não subscreva integralmente ao projeto de tais historiadores, esta ligação nos ajuda a compreender o contexto da produção intelectual desses autores. A demanda que une Rüsen e os demais historiadores vinculados a Bielefeld pode ser traduzida no desejo de superar o modelo chamado historicista de produção do conhecimento histórico científico, embora Rüsen não rejeite a totalidade da tradição historicista, podendo ser também diagnosticado como um de seus herdeiros. Essa demanda deve ser entendida tomando como referência a conturbada história da Alemanha no século XX.

O desafio colocado a Rüsen nesse momento da história da historiografia é duplo. Se, por um lado, pretendia pensar em um conhecimento histórico diferente daquele produzido por Ranke, Mommsen ou Droysen, por outro lado, era-lhe importante não aderir às respostas produzidas pelo construtivismo e relativismo pós-modernos que, em última análise, negam ao conhecimento histórico sua dimensão epistemológica e sua própria racionalidade (IGGERS, 2009:133). Rüsen enfrenta o desafio já em sua tese de doutorado sobre o historiador alemão Johann Gustav Droysen. É esta obra, publicada em 1968, que inaugura o projeto de Rüsen de elaborar uma Historik. O termo Historik, como apontou Georg Iggers, é de difícil tradução (IGGERS, 2009:123). Historik acena para uma tentativa de fundamentar os princípios da produção do conhecimento histórico científico. Trata-se, portanto, de uma teoria da história sistemática e abrangente. Esse é, aliás, um dos grandes méritos do trabalho de Rüsen. Estevão

Martins, tradutor de sua trilogia no Brasil, reconhece, no trabalho de Rüsen, a única tentativa bem sucedida na Alemanha contemporânea de elaborar uma teoria da história vasta e coerente (MARTINS, 1992:62).

Não raro encontramos tentativas de compreender o conhecimento histórico que isolam uma ou mais de suas propriedades, dedicando a análise a elas e ignorando uma parte importante da complexidade que reveste a produção do conhecimento científico. Podemos, sem muita dificuldade, atribuir a Hayden White tal postura. Enquanto este autor se dedica a compreender as estruturas narrativas subjacentes ao texto historiográfico, deixa de lado a dimensão metodológica, de validação empírica do conhecimento histórico (CALDAS, 2008:5-6)7. O nome de Hayden White não aparece aqui incidentalmente. Na verdade, somos compelidos a evocá-lo se pretendemos compreender a que tipo de questões Rüsen procura responder e como suas respostas foram entendidas pelos intelectuais dentro e fora da Alemanha. Tornou-se necessário um apelo à metodologia da pesquisa histórica para que Rüsen pudesse definir seus contornos científicos, contrapondo-se dessa forma ao argumento de White.

O desafio da pós-modernidade

Essa necessidade de produzir uma alternativa que se afastasse do relativismo ético e epistemológico da pós-modernidade sem, no entanto, recair no objetivismo ingênuo atribuído ao século XIX é marcante em toda obra de Rüsen (IGGERS: 2011, p. 534). É oportuno lembrarmos em que momento a produção de Rüsen toma fôlego a fim de reconhecermos como suas reflexões estão informadas por essa necessidade.

Um dos fenômenos da história intelectual contemporânea que mais chama atenção é o chamado “giro linguístico”. A partir das primeiras décadas do século XX, a relação entre linguagem e realidade passa a ser sistematicamente questionada. O argumento que perpassa a obra de autores, como Roland Barthes e Jacques Derrida, é de que a linguagem é autorreferencial e prescinde de qualquer vínculo com a realidade objetiva para conferir sentido à vida humana (ASSIS, 2010:11). Levado ao extremo, esse argumento causa a falência da clássica teoria da verdade qua correspondência. Para esses autores, um enunciado pode ser creditado como verdadeiro somente a partir de critérios linguísticos, como a

coerência, e para tanto não se precisaria assumir qualquer compromisso com a realidade objetiva. Quando esse argumento é importado para a teoria da história, o resultado óbvio é uma aceitação do ceticismo. É com o trabalho de Hayden White que essa problemática passa a ser aplicada às narrativas históricas.

As produções de White e Rüsen podem ser ditas contemporâneas, apesar da diferença de idade entre os autores. Megill chama a atenção para o fato de que a recepção de Rüsen nos Estados Unidos foi fortemente influenciada pela repercussão do trabalho de White (MEGILL, 1994:41). Podemos diagnosticar esse mesmo fenômeno no Brasil, embora em dimensões diferentes. Rüsen tenta responder ao argumento nuclear do trabalho de White resgatando a metodologia da história do limbo em que estava confinada desde a virada linguística. Dito de modo simples, enquanto a preocupação da teoria da história no século XIX recairia sobre questões de método, a partir da segunda metade do século XX, os holofotes do pensamento teórico foram voltados para a questão da narrativa, isso à custa do reconhecimento dos procedimentos que garantem a cientificidade do conhecimento histórico. Isso pode ser rapidamente desmentido se consultarmos alguns historiadores do século XIX que reconheciam a importância da narrativa na constituição do pensamento histórico.

Na trajetória intelectual de Rüsen o reconhecimento dessa dimensão narrativa está vinculado à sua convivência com o filósofo Hans-Michael Baumgartner, bem como com a influência da teoria narrativista da história desenvolvida por Arthur Danto, na década de 1960 (SILVA, 2008:180). Nesse sentido, Rüsen e White não são completamente antagônicos, pois ambos pressupõem que a narrativa possui importância central na constituição do conhecimento histórico. A postura de cada um deles com relação a isso, no entanto, é muito diferente. Enquanto White tende a negligenciar totalmente a agência da empiria na elaboração do conhecimento histórico, Rüsen não abandona a metodologia da história.

O retorno à metodologia da história

O caminho escolhido por Rüsen para se aproximar da metodologia da história pode ser rastreado até J. G. Droysen. A *Historik* de Droysen funciona como um fio de Ariadne que permitiu a Rüsen recuperar a discussão metodológica em um ponto seguro, longe do objetivismo ingênuo, ou do labirinto em que se transformou o ceticismo epistemológico na

pós-modernidade. Convém ressaltar que o tratamento que Rüsen confere à Historik de Droysen vai além de uma tradução para o vocabulário contemporâneo de sua teoria e metodologia. Para além dessa atualização linguística de Droysen, Rüsen foi capaz de incorporar criticamente as reflexões do autor, herdando não somente alguns de seus pressupostos teóricos e filosóficos, mas principalmente o reconhecimento da necessidade de uma fundamentação completa e sistemática do conhecimento histórico. A influência de Droysen sobre o projeto teórico de Rüsen não é meramente de conteúdo, mas principalmente de modelo. Para Pedro Caldas, “é notável como o pensamento de Droysen ainda se faz presente de maneira marcante na motivação de Rüsen em requisitar dos historiadores que simplesmente pensem no sentido de sua tarefa” (CALDAS, 2008:2). De fato, é importante não somente produzir uma teoria da história capaz de responder às questões que se colocam aos historiadores. É necessário também tornar manifesta a importância da teoria, e Rüsen gesticula também nessa direção.

Em entrevista concedida a Sérgio da Mata e Valdeci Araújo por ocasião de sua passagem pelo Brasil, em 2010, Rüsen fez um diagnóstico da situação atual da teoria da história (ARAÚJO e DA MATA, 2013:342). A área não desperta nos historiadores profissionais o mesmo interesse que despertava na Alemanha da época de Droysen. Um dos motivos para tanto é a introdução no debate teórico de elementos de fora do domínio usual dos historiadores. Rüsen refere-se principalmente aos estudos literários.

A teoria pode assumir um nível de abstração que obscurece a atividade do historiador mais do que a esclarece. Para Rüsen, isso acontece porque a teoria da história, ao longo do século XX, dedicou-se cada vez menos às questões relacionadas ao método enquanto voltava a atenção para a dimensão narrativa do conhecimento histórico (idem, p. 340-1). Como vimos, Rüsen tenta reintegrar a metodologia no campo de interesses da teoria da história, motivo pelo qual seu trabalho não fica enclausurado em elucubrações que dificilmente encontrariam repercussão prática na atividade do historiador. A articulação da metodologia à teoria é um requisito fundamental para uma Historik nos moldes de Droysen e Rüsen. E essa articulação faz parte do programa formatado por Rüsen, a fim de responder às questões epistemológicas, morais, políticas e estéticas veiculadas por autores identificados com o pós-modernismo.

Logo entrevemos o desafio imposto à Historik de Rüsen: encontrar a justa medida entre objetividade e subjetividade; reanimar a reflexão metodológica, resguardando-se assim

do ceticismo epistemológico. A este primeiro desafio soma-se outro. A segunda consideração intempestiva de Nietzsche inaugura uma tradição de repúdio à historiografia acadêmica, pois esta seria responsável por sacrificar a ação humana no presente a favor de um acúmulo de entulhos recolhidos do passado. Com isso, Nietzsche acreditou ter provado a desvantagem e inutilidade da história para a vida. Seu repúdio encontrou adeptos ao longo do século XX, entre eles Hayden White (MEGILL, 1994:41). Dessa forma, Rüsen precisou incorporar à sua teoria uma resposta satisfatória à pergunta: qual a função do conhecimento histórico científico? Novamente, não seria suficiente recuperar as tradicionais respostas gestadas ao longo do século XVIII e XIX, no âmbito da historiografia. O número de considerações que se agruparam ao redor dessa questão não permite uma resposta simples. As implicações filosóficas desse questionamento multiplicaram-se depois do trabalho de Heidegger, Gadamer, Foucault, White etc. A resposta que Rüsen encontra para os dois desafios supramencionados está no conceito de “matriz disciplinar da ciência histórica”.

A resposta de Rüsen: matriz disciplinar da ciência histórica

Rüsen define matriz disciplinar como a articulação de cinco princípios subjacentes à produção do conhecimento histórico científico: “carências de orientação, perspectivas diretoras da interpretação histórica da experiência do passado, métodos de pesquisa empírica, formas de apresentação e funções de orientação” (ASSIS, 2010:14). Um dos principais méritos dessa formulação é sua vocação conciliatória. Com ela, Rüsen responde aos dois desafios já mencionados. Em primeiro lugar, ele consegue conciliar a escrita da história com a pesquisa empírica, que garante a validação para o conhecimento histórico científico. Em segundo lugar, na contramão das acusações de Nietzsche, Rüsen concilia o conhecimento histórico científico com a vida prática. Para Rüsen, o conhecimento histórico tem a importante função de suprir carências de orientação temporal dos seres humanos. Essas carências são o desdobramento da ação e do sofrimento que os seres humanos devem experimentar devido ao fluxo do tempo, que foge ao seu controle (idem, p. 18). A relação do conhecimento histórico com a vida prática, de acordo com a teoria de Rüsen, acontece de forma muito mais sutil e sofisticada do que a clássica noção de que a história seria capaz de prescrever fórmulas para a ação política e moral.

A partir da noção de matriz disciplinar da ciência histórica, podemos perceber que a Historik de Rüsen vai muito além de uma epistemologia. Em última análise, sua teoria tangencia diversos problemas levantados pela filosofia contemporânea, desde o existencialismo até a questão da historicidade em Heidegger. Entretanto, Rüsen é prudente quando trata de tais questões. Para que sua teoria não seja consumida por uma análise filosófica especializada e inacessível aos historiadores, Rüsen prefere manter uma distância segura de Heidegger, por exemplo, considerando que o teor de abstração de sua filosofia dificilmente poderia ser traduzido para uma teoria da história com pretensões práticas (ARAÚJO e DA MATA, 2013:349). David Carr constata que a teoria da história de Rüsen não é limitada ao âmbito da disciplina histórica (CARR, 2011: 408). As considerações de Rüsen acerca da constituição de sentido mediada pela consciência histórica vão além do âmbito da historiografia. Assim, com sua Historik, Rüsen consegue superar o raciocínio binário que tende a opor historiografia e vida prática, método de pesquisa empírica e escrita da história.

Alan Megill distribui os conteúdos da obra de Rüsen em quatro categorias: história intelectual, história da historiografia alemã, comentários à historiografia alemã contemporânea e uma teoria geral da história, ou Historik (MEGIL, 1994:43-4). Os momentos de intersecção e comunicação entre essas categorias são abundantes, o que torna a obra de Rüsen investida de uma rica dinâmica. No Brasil, Rüsen é cada vez mais reconhecido por sua teoria da história que, longe de se arrogar uma resposta única e definitiva às demandas atuais dos historiadores, é capaz de multiplicar nossas perspectivas e realçar as especificidades teóricas da produção brasileira. Rüsen reconheceu, quando esteve no Brasil, em 2010, que a teoria da história brasileira guarda o potencial de se projetar internacionalmente nos debates que fazem avançar nossa compreensão sobre a história. Pelo menos uma parcela desse potencial pode ser atribuída à recepção crítica que a própria obra de Jörn Rüsen tem experimentado no Brasil.

Referências

ARAÚJO, Valdei e DA MATA, Sérgio. **Jörn Rüsen: Theory of History as Aufklärung. História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 11, p.342, 2013.

ASSIS, Arthur Alfaix. **A teoria da história de Jörn Rüsen: uma introdução.** Goiânia: Editora UFG, 2010.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. **A arquitetura da Teoria: o complemento da trilogia de Jörn Rüsen.** Revista Fênix, v. 5, n.1, p.5-6, 2008.

CARR, David. **What way is East? Rüsen's Historik.** Erwägen, Wissen, Ethik (EWE), v. 22, 2011.

IGGERS, Georg. **A search for a post-postmodernist theory of history.** History and Theory, v. 48, p.123, 2009.

IGGERS, Georg. **Critique/Kritik.** Erwägen, Wissen, Ethik (EWE), v. 22, 2011.

MARTINS, Estevão de Rezende. **Consciência histórica, práxis e cultura. A propósito da teoria da história de Jörn Rüsen.** Síntese Nova Fase, v. 19, n. 56, p.62, 1992.

MEGILL, Allan. **Jörn Rüsen's Theory of Historiography between Modernism and Rhetoric of Inquiry.** History and Theory, v. 33, n.1, p. 44-5, 1994.

RÜSEN, Jörn (org.). **Western historical thinking: an intercultural debate.** New York: Berghahn Books, 2002.

SILVA, Luis Sérgio Duarte. **Entrevista com o prof. Dr. Jörn Rüsen,** realizada no Kulturwissenschaftliches Institut-NRW, Essen, Alemanha em 20.2.2008, conduzida pelo prof. Dr. Luis Sérgio Duarte da Silva/ UFG. Universidade Federal de Goiás. Revista de Teoria da História, n. 4, p.179, 2010.

Notas

[1] Licenciado em História pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: rodrigoyurigt@gmail.com.